
O diário de campo como relato de si: por uma geoantropologia poética na obra de Carlos Rodrigues Brandão

Diarios de campo como el relato de si: hacia una geoantropología poética en la obra de Carlos Rodrigues Brandão

Fernanda Ribeiro Amaro * 

Resumo

Este artigo aborda as relações entre antropologia, etnografia e diários de campo a partir da obra ‘Diário de Campo: a antropologia como alegoria’ (1982), do antropólogo e educador Carlos Rodrigues Brandão. Neste livro, o autor compila fragmentos poéticos de diversas pesquisas de campo ao longo de sua trajetória acadêmica, em que a poesia é a matéria da linguagem etnográfica. Os escritos-poemas apresentados nesse diário de campo expressam as relações entre o pesquisador e o campo da pesquisa, entre pessoas, paisagens e objetos, que dão ânima a situação etnográfica, quando as sensações e as emoções extrapolam o texto antropológico formal, encontrando vazão espontânea na poesia. Considero que este livro seja um tratado de *geoantropologia poética*, conceito criado por Brandão e desenvolvido em suas aulas, então retomado nesta reflexão sobre as possibilidades da escrita etnográfica e sobre os atravessamentos e afetos da pesquisa antropológica durante os trabalhos de campo.

Palavras-chave: diários de campo; situação etnográfica; trabalho de campo; geoantropologia poética; Carlos Rodrigues Brandão.

Resumen

Este artículo aborda las relaciones entre antropología, etnografía y diarios de campo a desde la obra “Diário de Campo: antropologia como alegoria” (1982), del antropólogo y educador Carlos Rodrigues Brandão. En este libro, el autor recopila fragmentos poéticos de diversas investigaciones de campo a lo largo de su carrera académica, en las que la poesía es materia del lenguaje etnográfico. Los poemas-escritos presentados en este diario de campo expresan las relaciones entre el investigador y el campo de investigación, entre personas, paisajes y objetos, que animan la situación etnográfica, cuando sensaciones y

* Consultora no Projeto Museu Nacional Vive (UNESCO-UFRJ), doutora em Antropologia Social (Unicamp) e mestre em Geografia (UFU). E-mail: feramaro@gmail.com

emociones van más allá del texto antropológico formal, encontrando salida espontánea en la poesía. Considero que este libro sea un tratado de geoantropología poética, concepto creado por Brandão y desarrollado en sus clases, y que es retomado en la presente reflexión sobre las posibilidades de la escritura etnográfica y los atravesamientos e afectos de la investigación antropológica durante los trabajos de campo.

Palabras-llave: diário de campo; situación etnográfica; trabajo de campo; geoantropología poética; Carlos Rodrigues Brandão.

Introdução

Quando inauguramos um diário estamos instaurando um ato de esperança diante da experiência. Imaginamos que aquilo que viveremos será digno de nota. Almejamos manifestar em linhas a tradução do vivido. A paisagem então se redesenha na página em branco. A palavra ganha corpo. A percepção se configura às margens da folha. O atravessamento fugaz é capturado. O tempo é inscrito. A linha ganha continuidade. Uma vida digna de notas foi e é a aspiração de artistas, antropólogos, arquitetos, cientistas e poetas apreendem, organizam e recriam a matéria vertente da experiência vivida.

Os diários de campo, ainda que descritivos de um ofício, possuem certa dimensão íntima. Nele que se manifestam a dúvida, o erro, a rasura. É uma escrita não endereçada, cujo conteúdo, preferencialmente, ninguém além de seu enunciador, poderia ler. Onde se expressam camadas mais pessoais e subjetivas da psique humana e que coloca os desejos à frente das linhas, conduzindo fluxos de pensamentos não-transferíveis, se não para um interlocutor passivo e silencioso, como uma folha em branco.

Neste artigo abordaremos as relações entre antropologia, etnografia e diários de campo, presentes na obra ‘Diário de Campo: a antropologia como alegoria’ (1982), do antropólogo e educador Carlos Rodrigues Brandão. Escritos compostos entre México, Venezuela, Brasil, desde o Rio de Janeiro ao Norte de Minas, em que a etnografia revela não somente os efeitos descritivos do encontro etnográfico, mas sobretudo, a sensibilidade do pesquisador.

Inaugurar um caderno

A prática de escrita de diários, recorrentes em tantos profissionais (biólogos, botânicos, antropólogos, geógrafos, poetas e artistas plásticos) é um método de produção do conhecimento, pelo qual aprendemos sobre o espaço tomado a partir da experiência do deslocamento e, ao mesmo tempo, método de apreensão das lembranças, de modo a constituir-se como uma memória material, indispensável na cartografia de mundos subjetivos: o diário.

O diário é o receptáculo do relato em primeira pessoa, é uma superfície para composição de linhas. Tim Ingold, defende que a vida autêntica não é vivida em lugar, mas ao longo de caminhos. Segundo ele:

Para ser um lugar, um ponto qualquer deve estar em um ou vários caminhos de movimento para outros lugares ou vindo destes. A vida é vivida, arrazoei ao percorrer caminhos, e não somente em lugares; e os caminhos são um tipo de linhas. É pelos caminhos também que as pessoas crescem nos conhecimentos do mundo a sua volta, e descrevem este mundo nas histórias que contam. O colonialismo, por isso, não é a imposição da linearidade sobre um mundo não-linear, mas a imposição de um tipo de linha sobre outra (Ingold, 2022, p.25).

Logo, é importante notar a relação entre as linhas e a superfície na qual elas são desenhadas. Espero com esta troca, podermos nos aproximar da teoria e da experiência que associa o ato de se deslocar ao ato de compor linhas. Considero que caminhar em um terreno seja imprimir linhas na paisagem e na própria memória. De mesmo modo, desenhar e escrever seria congruente ao ato de criar inscrições em uma determinada superfície.

Muitos estudiosos têm afirmado que a escrita impôs um tipo de linearização da consciência humana, desconhecida para as pessoas das sociedades pré-letradas. Entretanto, certamente é o caso que, desde quando as pessoas começam a falar e a gesticular, elas também estavam fazendo e seguindo linhas. Enquanto a escrita é entendida em seu sentido original como prática de inscrição, não pode haver então, qualquer distinção definitiva entre desenhar e escrever (Ingold, 2022, p. 26)

Escrever em um caderno, é antes de tudo, um artesanato manual. A linha escrita na página, quer na forma de letras, sinais de pontuação ou figuras, são traços visíveis de

movimentos habilidosos da mão, tal como os traços de um desenho. A ênfase comum se dá é na composição de linhas e na fruição da linguagem, tendo o caderno como superfície de inscrição. Segundo Rebecca Solnit (2014, p. 72)

escrever é talhar um novo caminho pelo terreno da imaginação ou apontar novas características numa rota familiar. Ler é viajar por esse terreno com o autor como guia... Muitas vezes desejei que as minhas frases pudessem ser escritas como uma única linha correndo ao largo, para que ficasse claro que, uma frase é semelhantemente a uma estrada e ler, viajar.

Logo, o traço ou a linha que inaugura um caderno, seja o de um literato, um cientista ou de um artista, é imbuído de intenções. Existem diferentes tipos de cadernos, que vão desde cadernos de campo, caderno de croquis e esboços, cadernos de literatos, livros de artista, diários pessoais, os quais classifico em duas categorias: *cadernos de cabeceira* e *cadernos nômades*.

Cadernos de cabeceira

Os cadernos de cabeceira possuem uma dimensão íntima. Nele que se manifestam a dúvida, o erro, a rasura. É uma escrita não endereçada, cujo conteúdo, preferencialmente, ninguém além de seu enunciador, poderia ler. Onde se expressam camadas mais pessoais e subjetivas da psique humana e que coloca os desejos à frente das linhas, conduzindo fluxos de pensamentos não-transferíveis se não para um interlocutor passivo e silencioso, como um caderno ou um diário. O diário é o receptáculo do relato em primeira pessoa.

Durante o relato, o sujeito assume o duplo papel de informante e protagonista dos fatos, por meio da simples ação de descrever o cotidiano, o que Said (2007) chama de uma “atitude textual”. Há sempre um certo grau de fabulação quando contamos um fato ou uma experiência. O relato comumente assume um quê de ficção na vida: “A imaginação literária, a imaginação falada, é aquela que, se atendo a linguagem, forma o tecido temporal da espiritualidade e que, por conseguinte se liberta da realidade.” (Bachelard, 2001, p. 2).

O enunciador do relato é submetido a um tipo de alteridade que exige enquadrar suas emoções e pensamentos à língua. Barthes em seu livro *Aula* (2002), diz que a palavra é uma estrutura de poder: “Falar ou discorrer é sujeitar. (...) Assim que ela é proferida, mesmo na intimidade mais profunda do sujeito, a língua entra a serviço de um poder. (...) Toda língua é uma classificação, e toda classificação é opressiva.” (grifo meu, 2007, p.14) Assim a tradução da experiência pela escrita provoca um deslocamento de sentido, e a literatura volta-se então ao desafio dessa aproximação:

Que não haja paralelismo entre o real e a linguagem, tentando fazer coincidir uma ordem pluridimensional (o real) e uma ordem unidimensional (a língua). A literatura é categoricamente realista na medida em que ela sempre tem o real por objeto de desejo e também irrealista, pois acredita sensato o desejo do impossível (Barthes, 2002, p. 22).

A tentativa da escrita é a de trazer à superfície tocável da palavra, aquele instante que entrevem a pessoa em presença ou em devaneio (em termos bachelardianos) numa temporalidade fugidia. Nas palavras de Clarice, “o mergulho na matéria da palavra” seria o esforço de tradução dos instantes e dos lugares, num relato, concomitantemente, íntimo e objetivo.

Os relatos se manifestam como potências de referenciais afetivo-geográficos, onde importa o lugar onde se está, mas, sobretudo o estado em que se está neles (Amaro, 2013, p. 14). O relato está entre a factibilidade dos eventos e a subjetividade condicionante de sua concepção.

O relato de qualquer coisa, nesse sentido, é um relato de si. Porque nos colocamos frente a nossa percepção. E a exterioridade não é se não, um filtro moldado pela interioridade subjetiva do sujeito. Alguns exemplos de cadernos de cabeceira são: cadernos de sonhos e diários íntimos.

Segundo o neurocientista Sidarta Ribeiro (2019), a constância na observação dos nossos sonhos é uma prática importante de auto observação e de construção de novas e mais potentes narrativas. Ele chama o caderno de sonhos de sonhário. Conhecer e reconhecer os processos, nos possibilita nomear o que nos acontece e observar se aquilo nos impulsiona ou retrai. O autor define sonho como “uma forma ancestral de construção de adaptação, de futuro, de alternativas e de possibilidades” Para ele sonhar é importante para termos criatividade e flexibilidade cognitiva. E o que a narrativa dos sonhos nos contam não são

mensagens restritas sobre nós mesmos, mas sobre as relações entre indivíduo, sociedade e território (Ribeiro, 2019).

Os cadernos de cabeceira expressam uma relação com o vivido, com o imaginado e com o desejado, consciente ou inconscientemente. Tal como o sonhário, o diário íntimo também aborda dimensões oníricas, mas de um sonho desperto, do chamado devaneio.

Para Gaston Bachelard (2001, o devaneio poético se oferece para o sujeito, como a possibilidade de alargamento, de aumento e crescimento da própria consciência através da atividade criativa da imaginação, conjuntamente, o devaneio também pode contribuir para promover uma compreensão imaginária do sujeito sobre ele próprio, um aumento não só do conhecimento de si-mesmo, mas novas formas de entendimento do eu e novas maneiras de promover a própria existência de quem imagina.

Os diários íntimos, por sua vez, dão suporte para o registro de múltiplos devaneios e afetos da tradução das percepções e imaginação dos fatos. Podemos associar a prática diária de escrita em cadernos como um ato de colecionamento², ou mesmo como um ato de sobrepor camadas de existências vividas e imaginadas, como sugere Maria Gabriela Llansol, com a produção de diários como método de escrita.

O pesquisador Márcio Couto Henrique (2010, p. 165) relaciona a escritura e/ou composição de cadernos com o ato de colecionar. Em suas palavras:

Analisando o jogo passional estabelecido entre colecionadores e objetos do cotidiano, pode-se dizer que os autores de diários íntimos também são colecionadores, mas com uma singularidade: colecionadores de si mesmo. Da mesma forma que os objetos do cotidiano alvo da paixão de colecionadores, os diários íntimos possuem função reguladora e tem importância vital no equilíbrio do indivíduo (Couto Henrique, 2010, p.165).

Dessa forma, é possível definir a escrita dos diários íntimos como uma coleção de fragmentos de si mesmo, os fragmentos que o autor julga dignos de conservação para a posteridade. E mais do que mostrar aquilo que uma pessoa é, o diário conta aquilo que a pessoa gostaria de ser. O que faz desse suporte de escrita de si, um elemento fundamental na construção do que Pierre Bourdieu (1996) chamou de “ilusão biográfica”. Para Couto Henrique (2010, p. 167):

² Como sugeriu Márcio Couto Henrique (2010).

tanto o colecionismo de objetos do cotidiano quanto diários íntimos são espelhos distorcidos, emissores de imagens desejadas, que muitas vezes negam contradições, anulam tensões, criam a sensação de equilíbrio e estabilidade do sujeito. (...) Ambos permitem ao indivíduo reconhecer-se como absolutamente singular. Ambos absorvem a angústia do tempo e da morte, ou seja, procuram afastar a morte construindo fortalezas de lembrança e permanência.

O diário enquanto sobreposição é apresentado por Maria Gabriela Llansol, escritora portuguesa³. Segundo ela, o diário é atravessado pelo ‘diverso que se metamorfoseia, em puro movimento inesperado’. Segundo Costa Souza (2017, p. 169). “O diário llansoniano, em sua forma singular de descontinuidade, pode ser justamente o fio que dá sequência à composição da textualidade: partir da escrita aos pedaços, assim como se partem os dias”). Nas suas palavras de Llansol: “o diário é o pano com que se faz a limpeza dos anos” (2011a, 76), ela define.

Os diários são formas de apropriar de si, da coleção de fatos da memória, de produzir conhecimento sobre si, ao mesmo tempo em que cria sentidos para si. “O que lembro, tenho.” E quando os diários criam ilusões biográficas e relacionais sobre o outro? Falaremos agora sobre cadernos etnográficos, cadernos de viagem, cadernos de campo, que categorizo na próxima sessão, como *cadernos nômades*.

Cadernos nômades

Os cadernos nômades viajam junto com aquele que o escreve. É ativado pelo deslocamento e se propõem ao relato do movimento, à descrição densa do espaço e suas relações, à etnografia e às múltiplas formas de cartografia nos interstícios entre a natureza da humanidade e a natureza das coisas vivas e não-vivas. São os cadernos de campo e os diários de viagem.

A narrativa da experiência do trabalho de campo encontra-se no limiar entre a ciência, a autobiografia⁴, a etnografia do lugar ou da viagem, e se define pelo

³ Maria Gabriela Llansol deixou um espólio de 76 diários enumerados por ela, além de outros registros. Alguns dos diários chegaram a ser publicados, ganhando títulos de obras, como “O Falcão no Punho”, “O livro das comunidades” e “Finita” de 1987 e “Inquérito às 4 confidências”, de 1997.

⁴ Pela definição de Lejeune: autobiografia seria um relato retrospectivo em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, colocando ênfase em sua vida pessoal e em particular na história de sua personalidade (*apud* Nicolia, 2006, p.28).

entrelaçamento de todos estes gêneros mencionados (Nicolia, 2006). Geralmente se trata de momentos metadiscursivos, autoreflexivos e organizativos, momentos da percepção das lacunas entre quem enuncia e o enunciado, uma vez que sujeito e fenômeno se misturam, num encontro que não os diferem. Michel Certeau em *A Invenção do Cotidiano* (2008) diz que, em efeito, a narrativa de um relato leva a uma predicação qualitativa do espaço e logo, a uma construção dele mesmo.

O relato etnográfico remete a uma transformação - aquela que se produz no homem submetido a algum tipo de alteridade de maior ou menor grau - e a narrativa requerida para expressar tal mudança obedece a padrões estabelecidos pela língua.

Criar uma narrativa apreendida em campo é tentativa de tornar familiar o estranho, naturalizar o evento por um indicativo gráfico, que seja pelo viés da palavra ou do mapa. A construção dessas narrativas se assemelha, portanto, a um modo de cartografar, entendendo o mapa como uma forma de se apropriar do espaço. O relato ou o 'diário íntimo' seriam, dessa forma, um *mapa do vivido* e a escrita do relato corresponderia a uma *geobiografia/biocartografia*⁵ dos sujeitos nos espaços vividos.

Conceitos este, que seriam correlatos às possíveis cartografias do espaço vivido, habitado, atravessado, imaginado. Conceito no qual se ressalta uma relação intrínseca e indissociável entre os espaços e as vidas, como fundamento que constitui a ambos. Esta noção me conduz a constatar que, à medida que nos deslocamos, outras territorialidades passam a existir, assim como outras subjetividades e modos de estar no mundo.

Por uma geoantropologia poética: etnografias e diários de campo

Há muitas meta-teorias sobre o que é afinal, etnografia. Seria a etnografia a escrita do outro, a tradução da alteridade, uma descrição densa da situação etnográfica? Segundo o antropólogo Tim Ingold (2008): "O objetivo da etnografia é o de descrever as vidas das pessoas que não nós mesmos, com uma precisão e uma afiada sensibilidade através da observação detalhada e da experiência de primeira mão". Sua obra aponta as diferenças entre antropologia e a etnografia. Mas uma coisa ambas têm em comum: o uso dos diários de campo como ferramentas para ambos os ofícios do pensamento antropológico. É o

⁵ Sobre os conceitos ver a dissertação de mestrado, orientada por Carlos Brandão, intitulada "Escritos de Viagem e Construção do espaço vivido", defendida em 2013 pelo Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia.

diário que se coloca como extensão do corpo do antropólogo no cotidiano da pesquisa de campo, tal como as cadernetas de viagens de João Guimarães Rosa, sempre ao alcance da mão, em prontidão para a artesanidade da escrita manual.

Os diários de campo, sendo cadernos nômades, viajam junto com o pesquisador e são matéria vertente para a análise antropológica, geralmente editados ao fim do trabalho de campo, em escritórios, bibliotecas e gabinetes (Clifford, 1998).

A edição da etnografia é destinada aos outros, geralmente aos pares, enquanto o diário de campo é pessoalizado e muitas vezes, íntimo ou intransponível. O caderno de campo está na ordem da experiência, dos sentidos, enquanto o texto antropológico está na ordem da intelecto, da teoria. A etnografia, conteúdo dos diários de campo, discrimina fatos e relações antropológicas, em que se evidenciam o enquadramento da percepção do outro, em formas de traduções, que lançam mão de uma linguagem impregnada por jargões da disciplina, mas também, imbuída da memória daquele que observa e participa do contexto de campo.

Neste sentido, a diáde objetividade-subjetividade se dissolve e cria porosidades entre a escrita etnográfica e a escrita pessoal. Brandão diz que o diário de campo, as vezes incide nas últimas páginas da caderneta, com escritos mais despretensiosos, autobiográfico e às vezes num tom quase de uma confissão. São a matéria bruta da linguagem, a primeira tentativa de tradução dos afetos.

Segundo Brandão (1982, p.13), “os diários de campo descrevem maneiras de sentir pessoas, lugares, situações e objetos”. O encontro com os objetos do mundo vivido, de acordo com Merleau Ponty, se dá pela experiência e a síntese da coisa percebida está ligada pela sua própria presença. Exterior e interior, seriam inseparáveis nesta estruturação tal como propõe a fenomenologia de Merleau-Ponty. A professora Vera Pallamin (1996) explica que a teoria deste autor, recusa a espacialidade e a temporalidade como externas ao sujeito e ao objeto. Os fenômenos não estão no espaço e no tempo – reduzidos às suas dimensões geométrica e cronológica, respectivamente. Mas são do espaço e do tempo: “entre corpo e mundo há invasão recíproca e a espacialidade faz-se desta constituição corpórea das coisas, sendo compreendida pela temporalidade” (Pallamin, 1996, p.26).

Assim, pode-se dizer que em grande medida, o dizer de uma experiência está entre a factibilidade dos eventos e a subjetividade condicionante de sua concepção.

Na situação etnográfica, a presença das coisas nos põe um *logos* em estado nascente e nos ensina fora de todo dogmatismo, as verdadeiras condições da própria objetividade (Merleau Ponty, 1980, grifo meu). O real então, não estaria só para ser constituído ou analisado, mas também para ser descrito. A imaginação interpela a apreensão e a expressão do encontro com o objeto e com o fenômeno. O que nos leva a pensar inúmeras maneiras de como um relato pode ser contado, para antes e depois do texto formal.

Etnografias, antes de tudo, são relatos. Estas descrições densas, como definiu Clifford Geertz (1978), por mais objetivas que se ensejem, são pessoalizadas e filtradas pela memória daquele que vive a situação etnográfica.

Mariza G. S. Peirano (2018) adotou outra expressão, ela chamou de *encontro etnográfico*. Para ela, as etnografias provindas de um bom encontro etnográfico atendem a pelo menos três condições:

- i) consideram a comunicação no *contexto da situação* (cf. Malinowski);
- ii) transformam, de maneira feliz, para a linguagem escrita o que foi vivo e intenso na pesquisa de campo, transformando experiência em texto; e iii) detectam a eficácia social das ações de forma analítica (Peirano, 2018, p. 386).

A situação etnográfica é única para cada pesquisador em campo. Por este motivo, não há uma cartilha para conduta em campo. Nós nos inspiramos em etnografias de outros, e ali identificamos pistas para erigir nosso olhar e nossa escrita. Saber fazer as perguntas certas em campo é questão central para a condução de uma boa experiência de campo. “Vivendo, se aprende; mas o que se aprende, mais, é só a fazer outras maiores perguntas” (Rosa, 2006).

A poesia como alegoria da antropologia: memorial errante de Carlos Rodrigues Brandão

Em “Diário de Campo: a antropologia como alegoria”, Carlos Rodrigues Brandão inicia seu diário com uma carta endereçada a um amigo de nome Caio, redator da editora, no dia 21 de maio de 1982. Nas primeiras linhas ele pergunta com a ironia dos sábios: “Como é que se escreve o sentimento do mundo? Carlos Drumond de Andrade vive preocupado com isso. Darcy Ribeiro também” (Brandão, 1982, p.11).

Com toda certeza, poderíamos dizer que Brandão, assim com Drumond e Darcy Ribeiro, por ele citados, comungava dessa mesma natureza de questionamentos. “O que nos torna humanos?” foi mais uma de suas perguntas, que sempre trazia em palestras e aulas e que se tornou tema de um livro, publicado em 2015, com o título “Nós, Os Humanos” (Brandão, 2015). E, talvez a mais conhecidas de suas perguntas, tenha sido “O que é educação?”, título do pequeno livro de bolso publicado pela Coleção Pequenos Passos em 1981⁶ (Brandão, 1981). E posteriormente as perguntas “O que é folclore?” (Brandão, 1982) e “O que é educação popular?” (Brandão, 2006) orientaram outros de seus livros, publicados com estes mesmos títulos, com a primeiras edições em 1982 e 2006, respectivamente, pela mesma editora.

Perguntas filosóficas sempre orientaram seus estudos sobre educação e religião e festas populares – principais temas de sua obra – em sua vasta bibliografia, com mais de 100 livros publicados entre a teoria e a poesia. Brandão se definia como poeta, educador, antropólogo e ativista pela educação popular.

Fez sua graduação em psicologia (1965), mestrado em antropologia (1974) e doutorado em ciências sociais (1980). Recebeu muitos títulos como o de comendador da Ordem do Mérito Científico pelo Ministério de Ciência e Tecnologia; doutor honoris causa da Universidade Federal de Goiás; professor emérito da Universidade Federal de Uberlândia; professor emérito pela Universidade Estadual de Campinas; doutor honoris causa pela Universidad Nacional de Lujan, na Argentina e *fellow* do St. Edmund's College, da Universidade de Cambridge, na Inglaterra⁷.

Orientou centenas de estudantes de graduação e pós-graduação. Deixou legados acadêmicos e pessoais, inenarráveis e inestimáveis, mas uma de suas maiores contribuições para as ciências antropológicas, a meu ver, seria a inclusão da poesia como tradutora dos afetos iminentes da situação etnográfica, do encontro com o outro.

Brandão considerava o mesmo respeito que atribuía a outra pessoa humana aos minerais, aos vegetais e os demais animais. Se enveredava no campo simbólico das relações e suas etnográficas surtiram efeitos duradouros para a pesquisa de determinados

⁶ “O que é educação?” (1981) foi seu livro com maior número de reedições, sendo bibliografia básica de inúmeros cursos de licenciatura em Universidades do Brasil.

⁷ Informações disponíveis no site pessoal de Brandão, A Partilha da Vida:
< <https://apartilhadavida.com.br/bio/> > Acesso em: 10 nov. 2023.

temas do catolicismo e das festas populares, como as folias de reis, os reizados, as cavalhadas as congadas, o dos modos de vida dos povos sertanejos e ribeirinhos do Médio Rio São Francisco.

No cerrado e no semi-árido pesquisou juntos aos barranqueiros, catingueiros, geraizeiros e quilombolas e na mata-atlântica pesquisou junto ao caiçaras. Não realizou nenhum trabalho específico junto à povos indígenas, nem nas regiões Sul e Norte do Brasil. Fora do país sua principal pesquisa foi em Patzcuaru, em Michoacán, México.

Sendo carioca e estudioso de festas populares, a comparação entre o carnaval e outras festas católicas (evidentemente menos pagãs) eram comuns em algum de seus textos. A frase “a folia é o carnaval do sertanejo” foi eternizada a partir de sua etnografia sobre catolicismo popular no interior do estado do Goiás. Para cada lugar que passava, compunha páginas e páginas em seus diários de campo.

Além das anotações de utilidade para o texto final, com informações como o nome e idade dos interlocutores, descrições de situações, nomes de plantas e quaisquer outros dados ocupavam as páginas iniciais, enquanto as páginas finais eram repletas de poemas e poesias rascunhava em seu ensejo de capturar a magia da situação etnográfica e do encontro com o outro.

No livro “Diário de Campo: a antropologia como alegoria”, Brandão nos pergunta: “como escrever a emoção?” (1982, p. 13). Ele estava interessado em se perguntar como escrever as emoções e não se cansava de ensaiar centenas de formas para isto. A escrita etnográfica possui sua destinação e seu formato, seria um tanto formal demais para abarcar com mais facilidade, portanto ele encontrava na poesia uma forma de *alegoria antropológica do encontro com o outro*.

Os poemas do diário de campo foram sendo escritos sem um plano prévio. Dentro do ofício do antropólogo, acho que afinal eles são o meu diário dos diários de campo. Se o material das tantas folhas dos escritos de pesquisa deu os estudos de antropologia, o material das últimas gerou esses estudos através da poesia. São relatos de vivências dos momentos mais livres e afetivos de viagens e trabalhos de pesquisa” (Brandão, 1982, p. 13).

É um livro que compila fragmentos de seus diários de campos, escritos durante diversas pesquisas por inúmeros trajetos entre o Brasil, México e o mundo, em territórios sertanejos, indígenas e quilombolas, ao longo de sua trajetória acadêmica. Sua publicação foi fruto da “vontade de pensar de pensar a antropologia como alegoria, o que não é mais

do que a vontade de escrever, com os símbolos do poema, o pensado e o vivido dos personagens da própria antropologia: o homem, seus símbolos, seus mundos, sua vida” (Brandão, 1982, p. 12).

Os diários de campo de Carlos Rodrigues Brandão misturam descrições de cunho científico com experiências estéticas, de modo a tentar aprender a realidade, por pelo menos, duas dimensões, uma objetiva e outra subjetiva, numa rede infinita de possibilidades reais. No dia 25 de setembro de 1981, durante um voo entre Brasília e São Luís, ele escreve:

Que pedaços do mundo que observo
Habitarão partes de mim que os vejo?
Qual seiva de uma flor vermelha
das manhãs de agosto, que florida
no entremeio dos Gerais de Minas
terá a mesma tinta de uma vida
que corre no rio de minhas veias?

O tocante poema associa seu próprio corpo ao corpo ao mundo. A beleza do sentido desses versos se complementa com seu título, por ele dado de “a prática da pesquisa” (Brandão, 1982, p. 80). Portanto, a prática da pesquisa antropológica relaciona-se com envolvimento e permeabilidade do eu com o outro.

As anotações aparecem como informações fragmentárias oriunda de diferentes lugares e contextos antropológicos, e ao serem postas em conjuntos permitem recompor o trajeto e as situações encontradas em sua trajetória. Assim, compõe-se como um mapa afetivo das pesquisas, que são, em certo sentido, autobiográficos.

O antropólogo-educador lançava mão desses fragmentos para a escrita posterior de seus textos etnográficos e livros, como um método de construção literária e científica, mas os diários passam de uma escrita íntima a uma rede infundável de leituras e interpretações, dadas a partir do livro, após publicado e posto à circulação.

Contudo Brandão, ao modelo do cartógrafo de Rolnik, selecionava as mais diversas fontes para compor sua cartografia afetiva. Ele deixa seu corpo vibrar em direção aos fenômenos encontrados a partir da intersubjetividade com ribeirinhos e paisagens do sertão, registrando sistematicamente cada lembrança e imagem poética visitada.

Os diários para ele são um exercício da memória, voltadas à atividade etnográfica. A partir da escrita em movimento, ele escreve o passado enquanto ele escreve estando

presente, de modo que não haja o esquecimento. Ao juntar os fragmentos da escrita, ele nos oferece a exata sensação interpelada durante a situação etnográfica.

Ao comparar seus “diários de diários de campo” à mapas, eles podem nos orientar tanto geograficamente, quanto culturalmente pelos sertões de Minas Gerais e outras tantas paragens, que o inveterado viajante, Carlos Brandão, *homo viator*, em sua jornada.

Os escritos de Brandão poderiam ser considerados tratados de *geoantropologia poética*, pois ressaltam a poética do fazer etnográfico e do encontro como o outro. E apontam a beleza e a contradição dos diferentes modos de vida, da relação das sociedades com o meio e das expressões de sua cultura humana ao longo de seu percurso como pesquisador.

Diários de campo como relatos de si

“A imaginação literária, a imaginação falada, é aquela que, se atendo a linguagem, forma o tecido temporal da espiritualidade e que, por conseguinte se liberta da realidade”

(Bachelard, 2001, p. 2).

Os cadernos de cabeceira e os cadernos nômades possuem certa dimensão íntima. Nele que se manifestam a dúvida, o erro, a rasura. É uma escrita não endereçada, cujo conteúdo, preferencialmente, ninguém além de seu enunciador, poderia ler. Onde se expressam camadas mais pessoais e subjetivas da psique humana e que coloca os desejos à frente das linhas, conduzindo fluxos de pensamentos não-transferíveis se não para um interlocutor passivo e silencioso, como um caderno ou um diário. O diário é o receptáculo do relato em primeira pessoa.

Durante o relato, o sujeito assume o duplo papel de informante e protagonista dos fatos, por meio da simples ação de descrever o cotidiano, o que Said (2007) chama de uma “atitude textual”. Há sempre um certo grau de fabulação quando contamos um fato ou uma experiência. O relato comumente assume um quê de ficção na vida: “A imaginação literária, a imaginação falada, é aquela que, se atendo a linguagem, forma o tecido temporal da espiritualidade e que, por conseguinte se liberta da realidade.” (Bachelard, 2001, p. 2).

O enunciador do relato é submetido a um tipo de alteridade que exige enquadrar suas emoções e pensamentos à língua. Barthes em seu livro *Aula* (2002), diz que a palavra é uma estrutura de poder: “Falar ou discorrer é sujeitar. (...) Assim que ela é proferida, mesmo na intimidade mais profunda do sujeito, a língua entra a serviço de um poder. (...) Toda língua é uma classificação, e toda classificação é opressiva” (Barthes, 2007, p. 14, grifo meu). Assim a tradução da experiência pela escrita provoca um deslocamento de sentido, e a literatura volta-se então ao desafio dessa aproximação:

Que não haja paralelismo entre o real e a linguagem, tentando fazer coincidir uma ordem pluridimensional (o real) e uma ordem unidimensional (a língua). A literatura é categoricamente realista na medida em que ela sempre tem o real por objeto de desejo e também irrealista, pois acredita sensato o desejo do impossível (Barthes, 2007, p. 22).

A tentativa da escrita é a de trazer à superfície tocável da palavra, aquele instante que entrevem a pessoa em presença ou em devaneio (em termos bachelardianos) numa temporalidade fugidia. Nas palavras de Clarice, “o mergulho na matéria da palavra” seria o esforço de tradução dos instantes e dos lugares, num relato, concomitantemente, íntimo e objetivo.

Os relatos se manifestam como potências de referenciais afetivo-geográficos, onde importa o lugar onde se está, mas, sobretudo o estado em que se está neles (Amaro, 2013, p. 14). O relato está entre a factibilidade dos eventos e a subjetividade condicionante de sua concepção.

O relato de qualquer coisa, nesse sentido, é um relato de si. Porque nos colocamos frente a nossa percepção. E a exterioridade não é se não, um filtro moldado pela interioridade subjetiva do sujeito.

Ao relatar, o sujeito é submetido a um tipo de alteridade que exige enquadrar suas emoções e pensamentos à língua. Sujeitar-se. Barthes em seu livro *Aula* (2007), diz que a palavra é uma estrutura de poder: “Falar ou discorrer é sujeitar. (...) Assim que ela é proferida, mesmo na intimidade mais profunda do sujeito, a língua entra a serviço de um poder. (...) Toda língua é uma classificação, e toda classificação é opressiva.” (grifo meu, 2007, p.14) Assim a tradução da experiência pela escrita provoca um deslocamento de sentido, e a literatura volta-se então ao desafio dessa aproximação:

Que não haja paralelismo entre o real e a linguagem, tentando fazer coincidir uma ordem pluridimensional (o real) e uma ordem unidimensional (a língua). A literatura é categoricamente realista na medida em que ela sempre tem o real por objeto de desejo e também irrealista, pois acredita sensato o desejo do impossível. (Barthes, 2007, p. 22).

O investimento literário torna-se então o de trazer à superfície tocável da palavra aquele instante que entrevem o homem em devaneio (em termos bachelardianos) numa temporalidade fugidia. Ao fazer menção às palavras de Clarice Lispector, “o mergulho na matéria da palavra” seria então, o esforço de tradução dos instantes e dos lugares, num relato concomitantemente íntimo e objetivo.

Entendo que o relato só poderia ser feito mediante a tradução da experiência e das sensações. Tradução esta, que seria sempre inconclusa, mediada pelas metáforas e demais figuras de linguagem, tendo como intuição a apropriação do real, porém sendo já em si, ficcional.

Assim, a escrita se torna uma construção simbólica de seu enunciado. Com a escrita dos *cadernos nômades* o eu-centrado do psiquismo e da subjetivação pessoalizada dos *cadernos de cabeceira* se deslocam para enveredar caminhos de um espaço movente de relações trazidas pela externalidade

Considerações finais

A prática de escrita em diários é simultaneamente biográfica e cartográfica. Ela descreve lugares e situações, ao mesmo tempo em que conta sobre quem escreve. Carlos Rodrigues Brandão nos mostrou que a situação etnográfica se revela em informações objetivas, mas também em poesia, sendo esta a alegoria das ciências antropológicas.

Etnografias poéticas, como as de Carlos Rodrigues Brandão, misturam as categorias de cadernos de cabeceira e cadernos nômades, discutidas neste texto. Nelas, o relato do outro, quem quer que este seja - um humano, uma rocha, uma planta ou um animal - não pode ser outra coisa, senão, um relato de si em relação.

As relações estabelecidas com o fenômeno antropológico durante as “situações etnografáveis” extrapolam a dimensão de uma objetividade científica. E aquilo que transborda ao texto final, não seria a sobra, o resíduo, mas sim, a matéria vertente da

pesquisa. Aquilo que dá alegoria à antropologia: a poesia imanente do encontro com o outro.

Contudo, a obra “Diário de Campo: a antropologia como alegoria” (1982) é um exemplar inigualável de etnografia em que a tradução da experiência de pesquisa assume formas artísticas em poemas e em outros fragmentos poéticos.

A poesia, numa sequência de versos ou mesmo em um haikai, poderia, portanto, sensibilizar mais o leitor sobre a situação etnográfica de um determinado trabalho de campo, que em dezenas de páginas de descrição densa.

Não se trata de opor a descrição densa à linguagem poética, mas sim, de engajar leitores, leitoras e leitores na possibilidade de transmissão de conhecimentos através da prática da *geoantropologia*, tal como propunha Brandão, dissolvendo fronteiras disciplinares e entre estilos de linguagem, de modo a religar a unidade entre a pesquisa e a vida.

Referências

AMARO, Fernanda Ribeiro. **Escritos de viagem e a construção do espaço vivido por meio do deslocamento**. (Dissertação de mestrado em Geografia). Universidade Federal de Uberlândia, 2013.

AMARO, Fernanda Ribeiro. **A viagem como produção da diferença**: deslocamento e territorialidade entre o povo Wauja, Alto Xingu. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP, 2020. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1640144> . Acesso em: 09 nov. 2023.

AMARO, Fernanda Ribeiro; BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Os verbos e nomes do viajar: por uma geografia do deslocamento. **Geograficidade**, v. 4, n. 2, p. 48-59, 11 jun. 2014. DOI: <https://doi.org/10.22409/geograficidade2014.42.a12899>

BACHELARD, Gaston. **O Ar e os Sonhos**: a poética do devaneio. Trad. Por Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2001.

BARTHES, Roland. **Aula**. Trad. de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Ed. Cultrix, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. São Paulo: Papyrus, 1996.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação?** São Paulo: Ed. Brasiliense, 1981 (Coleção Primeiros Passos).

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Diário de Campo**: a antropologia como alegoria. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1982a.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Folclore?** São Paulo: Ed. Brasiliense, 1982b (Coleção Primeiros Passos).

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação Popular?** São Paulo: Ed. Brasiliense, 2006 (Coleção Primeiros Passos).

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Nós, os humanos**: do mundo à vida, da vida à cultura. São Paulo: Ed. Cortez, 2015.

CERTEAU, Michel: **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Ed. Vozes, 2008.

CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica**: antropologia e literatura no século XX. RJ, Ed UFRJ, 1998.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

COSTA SOUZA, Tatiane. O dever de um Livro-raiz: o diário como apoio à escrita de Maria Gabriela Llansol. **Revista Remate de Males**. Campinas-SP, (37.1): pp. 159-173, Jan./Jun. 2017. DOI: <https://doi.org/10.20396/remate.v37i1.8647554>

COUTO HENRIQUE, Márcio. **Diários íntimos**: fragmentos de si. Revista Museu, 2010. Disponível em: <<https://www.revistamuseu.com.br/site/br/artigos/8376-diarioros-intimos-colecao-de-fragmentos-de-si.html>> Acesso em: 09 nov. 2023.

INGOLD, Tim. Anthropology is not ethnography: **Proceedings of the British Academy**, Oxford, n. 154, p. 69-92, 2008.

DOI: <https://doi.org/10.5871/bacad/9780197264355.003.0003>

INGOLD, Tim. **Linhas**: uma breve história. Trad. Lucas Bernardes. Petrópolis-RJ: Ed. Vozes, 2022.

LLANSOL, Maria Gabriela. **Um falcão no punho**: diário I. Belo Horizonte: Autêntica, 2011a.

LLANSOL, Maria Gabriela. **Finita**: diário II. Belo Horizonte: Autêntica, 2011b.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Abril Cultural, 1980 (Coleção Os Pensadores).

NICOLIA, B. C. **El viaje y su relato**. Revista de Estudios latinoamericanos, n. 43, pp. 11-35, 2006.

PALLAMIN, V. M. Apostila / **Forma e percepção**: considerações a partir de Maurice Merleau-Ponty. São Paulo: FAUUSP, 1996 (apostila-livro).

PEIRANO, M. G. S. O encontro etnográfico e o diálogo teórico. **Anuário Antropológico**, [S. l.], v. 10, n. 1, p. 249–264, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/article/view/6367>. Acesso em: 12 nov. 2023.

RIBEIRO, Sidarta. **O oráculo da noite**: a história e a ciência do sonho. São Paulo: Companhia das Letras, 2019

ROSA, João Guimarães Rosa. **Grande Sertão**: Veredas. São Paulo: Nova Fronteira, 2006.

SAID, Edward. **Orientalismos**: o oriente como invenção do ocidente (Edição de Bolso.) (Trad. Rosaura Eichenberg.) São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SOLNIT, Rebecca. **Wanderlust**: a history of walking. London: Granta Publications, 2014.

Recebido em 13/11/2023.

Aceito para publicação em 12/01/2024.